



Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal no 1.º trimestre de 2021

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportação e de emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos têm como fonte o Sistema Comex Stat, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), divulgados pelo Ministério da Economia.

A produção das estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio, que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital para a agropecuária, a indústria de transformação de matérias-primas agropecuárias e as atividades especializadas na oferta de serviços agropecuários e na armazenagem e distribuição dos produtos do agronegócio. Em seguida, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul, referentes ao primeiro trimestre de 2021, comparativamente a igual período do ano anterior.

Para a análise das informações do emprego formal, cabe ressaltar que, a partir de janeiro de 2020, a captação de dados do Caged passou a ocorrer por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), dando origem ao que se convencionou chamar de “estatísticas do Novo Caged”. As diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e as do eSocial podem afetar a comparabilidade das séries históricas, mas constituem as únicas informações disponíveis para o acompanhamento mensal e desagregado da dinâmica setorial do mercado de trabalho formal no Rio Grande do Sul¹.

1 Exportações

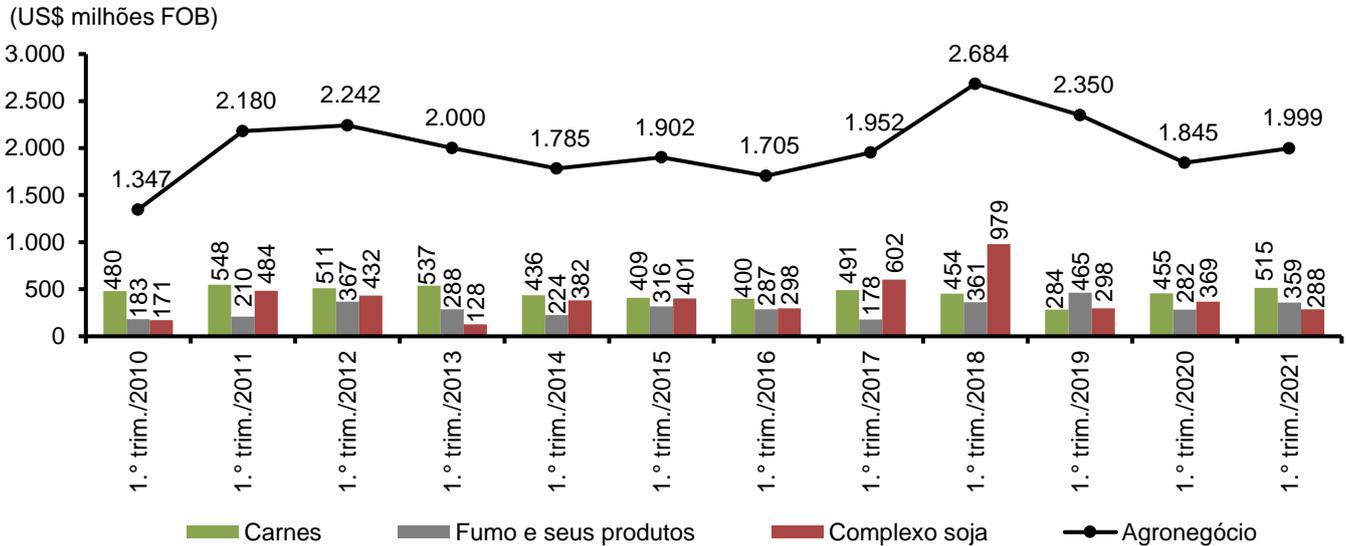
As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 2,0 bilhões no primeiro trimestre de 2021, o que corresponde a 64,5% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, ocorreram crescimentos no valor (8,4%) e nos preços médios (11,5%), enquanto o volume embarcado apresentou queda (-2,8%). Em termos absolutos, o crescimento do valor exportado foi de US\$ 154,1 milhões.

¹ Para maiores informações sobre as diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do Novo Caged, ver: BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho. **Substituição da captação dos dados do Caged pelo eSocial**. [Brasília, DF]: Ministério da Economia, 2020. (Nota Técnica). Disponível em: http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Nota%20t%C3%A9cnica%20substitui%C3%A7%C3%A3o%20CAGED_26_05.pdf. Acesso em: 3 ago. 2020.



Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2010-1.º trim./2021

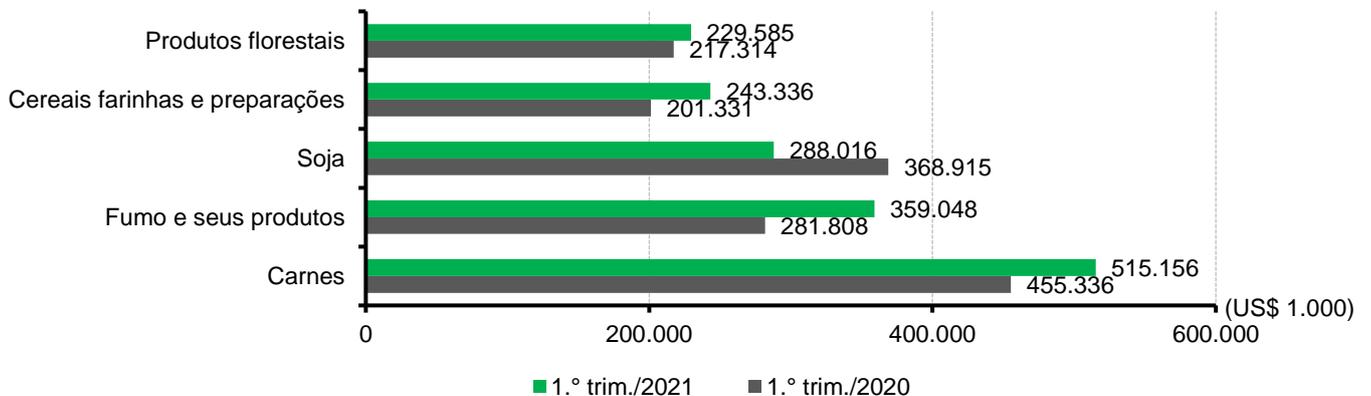


Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio no primeiro trimestre de 2021 foram: carnes (US\$ 515,2 milhões), fumo e seus produtos (US\$ 359,0 milhões), complexo soja (US\$ 288,0 milhões), cereais, farinhas e preparações (US\$ 243,3 milhões) e produtos florestais (US\$ 229,6 milhões). O resultado positivo do trimestre foi determinado pelo crescimento nas exportações de fumo e seus produtos (mais US\$ 77,2 milhões; 27,4%), de carnes (mais US\$ 59,8 milhões; 13,1%) e de cereais, farinhas e preparações (mais US\$ 42,0 milhões; 20,9%). Contrariando a tendência de crescimento no trimestre, o complexo soja apresentou a maior redução absoluta entre janeiro e março (menos US\$ 80,9 milhões; -21,9%).

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2020-1.º trim./2021



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).



No caso do fumo e seus produtos, o crescimento ocorrido no primeiro trimestre de 2021 é explicado pela elevação nas vendas externas de fumo não manufaturado (mais US\$ 73,0 milhões; 28,5%). Devido ao intervalo de tempo entre a colheita e o embarque do tabaco para a exportação, tradicionalmente o primeiro trimestre apresenta menores volumes, comparativamente aos demais períodos do ano. O volume exportado pelo setor no primeiro trimestre de 2021 é o maior já registrado entre janeiro e março em toda série histórica iniciada em 1997. Esse desempenho está associado ao alongamento da janela de processamento no último ano em razão da pandemia.

Já no setor das carnes, segunda maior elevação absoluta no trimestre, o desempenho deve-se ao incremento nas vendas externas da carne suína (mais US\$ 39,6 milhões; 30,9%). Embora todas as principais carnes exportadas pelo Estado tenham apresentado crescimento no trimestre, a carne suína é a única que ainda mantém um avanço robusto nos volumes embarcados desde o primeiro trimestre de 2019, momento em que a China passou a importar mais carnes devido ao surto de Peste Suína Africana, que dizimou parte expressiva do seu rebanho. Nesse período, o Rio Grande do Sul apresentou o maior ganho absoluto no volume exportado de carnes entre os estados brasileiros.

O crescimento no setor de cereais, farinhas e preparações é explicado pelo incremento nas exportações de trigo (mais US\$ 64,7 milhões; 114,7%). O significativo crescimento no volume exportado pelo Rio Grande do Sul no primeiro trimestre de 2021 (97,2%) é reflexo da escalada nos preços internacionais do cereal e da desvalorização do real frente ao dólar. Essa dinâmica elevou a rentabilidade em reais para o produtor e melhorou a competitividade do trigo gaúcho no mercado externo.

Contrariando a tendência geral de crescimento, o complexo soja apresentou redução no trimestre. Via de regra, os embarques nesses primeiros meses do ano, período que antecede a finalização da colheita, são determinados pelas vendas dos estoques de passagem da safra anterior. No primeiro trimestre de 2021, a queda nas vendas externas de soja em grão deveu-se à menor disponibilidade da oleaginosa no território gaúcho, devido à estiagem, que reduziu a produção na safra 2019/2020, e ao crescimento da demanda interna e externa no último ano. Contudo as exportações de farelo de soja avançaram 28,0% em volume e 76,3% em valor, comparativamente ao primeiro trimestre de 2020.

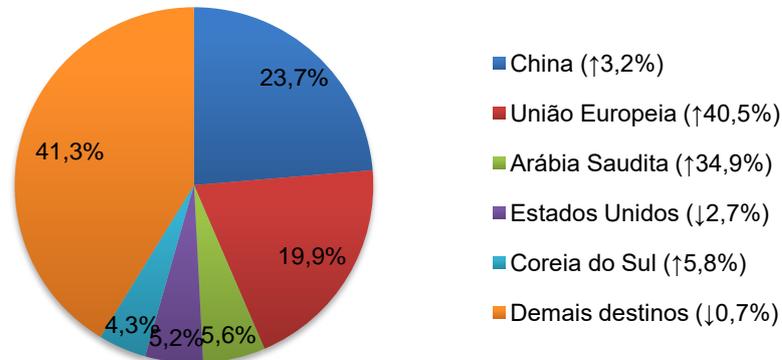
Os principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho no primeiro trimestre de 2021 foram: China (23,7%), União Europeia (19,9%), Arábia Saudita (5,6%), Estados Unidos (5,2%) e Coreia do Sul (4,3%). Esses destinos concentraram 58,7% do valor exportado no trimestre. Entre os destinos, a União Europeia foi responsável pelo maior crescimento absoluto no valor das exportações gaúchas do agronegócio (mais US\$ 114,6 milhões; 40,5%). Na sequência, a Arábia Saudita apresentou a segunda maior elevação absoluta no valor exportado (mais US\$ 29,0 milhões; 34,9%). Contrariando a tendência de crescimento no trimestre, Taiwan apresentou a maior queda absoluta (menos US\$ 32,3 milhões; -59,5%), concentrada no setor de cereais, farinhas e preparações, notadamente no milho.

O crescimento nas vendas para a União Europeia concentrou-se no farelo de soja (mais US\$ 73,6 milhões; 144,7%) e no fumo não manufaturado (mais US\$ 18,9 milhões; 19,8%). Para a Arábia Saudita, o crescimento no trimestre deveu-se ao incremento nas vendas de carne de frango (mais US\$ 20,9 milhões; 33,8%).



Gráfico 3

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2021



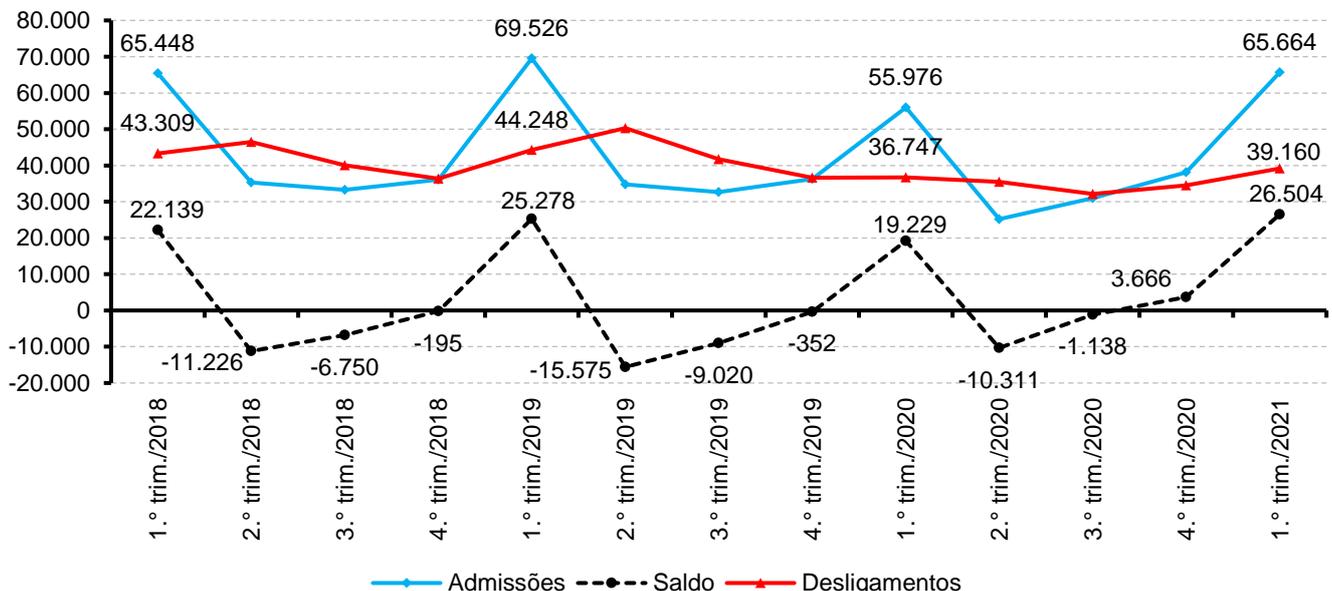
Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).
Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no primeiro trimestre de 2021, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor primeiro trimestre de 2021, comparativamente a 2020.

2 Emprego formal no agronegócio

No primeiro trimestre de 2021, foi registrado saldo positivo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (65.664) superou o de desligamentos (39.160), resultando na criação de 26.504 postos de trabalho com carteira assinada. Em 2020, no mesmo período, o saldo foi positivo em 19.229 empregos. Para o conjunto da economia gaúcha, o trimestre também foi marcado pela continuidade do processo de geração de empregos, tendo sido criados 74.448 postos com carteira assinada no Rio Grande do Sul.

Gráfico 4

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2018-1.º trim./2021



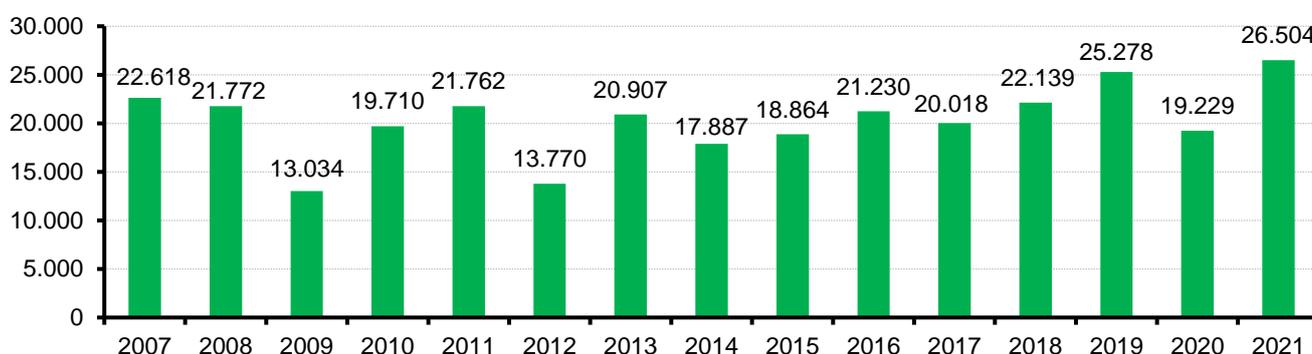
Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).
Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.
2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.



Historicamente, os primeiros meses do ano são caracterizados pela ocorrência de saldos positivos de empregos no agronegócio gaúcho, fenômeno explicado, sobretudo, pela mobilização de mão de obra para as atividades direta e indiretamente impactadas pelo avanço da safra de verão no Estado. Porém, no primeiro trimestre de 2021, o número de empregos criados foi recorde para o período, considerando a série histórica iniciada em 2007. Conforme detalhado na sequência, para além da recuperação da safra agrícola, a maior geração de empregos em 2021 é explicada principalmente pela dinâmica dos setores de comércio atacadista, de fabricação de máquinas agrícolas e da indústria do fumo.

Gráfico 5

Evolução do saldo de empregos no agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2007-1.º trim./2021



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo
2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

Todos os segmentos do agronegócio gaúcho registraram saldo positivo de empregos no primeiro trimestre de 2021. O segmento “depois da porteira”, composto predominantemente por atividades agroindustriais, liderou a criação de postos de trabalho (mais 18.378 postos). O principal setor responsável pelo resultado foi o de fabricação de produtos do fumo, que gerou 8.839 empregos. Na indústria fumageira, as contratações temporárias são características do primeiro trimestre, com pico em março, e concentram-se na região do Vale do Rio Pardo, principal aglomeração produtiva com essa especialização no Brasil. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), a produção gaúcha de fumo cresceu 20,6% em 2021, o que contribuiu para o aumento da demanda por mão de obra na indústria de processamento.

Ainda no segmento “depois da porteira”, além da indústria fumageira, os setores de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (mais 5.739 postos) e de moagem e fabricação de produtos amiláceos (mais 2.381 postos) foram destaques na geração de empregos. Ambos os movimentos também estão associados à demanda sazonal de mão de obra em atividades relacionadas a armazenagem, processamento e comercialização da safra de verão. Em 2021, a recuperação da produção agrícola, após a severa estiagem que marcou a safra 2019/2020, contribuiu para o aumento no número de postos de trabalho gerados no agronegócio. Enquanto, no comércio atacadista, o destaque foi a comercialização da soja, no setor de fabricação de produtos amiláceos a atividade que mais abriu novos postos de trabalho foi a de beneficiamento do arroz.

Na indústria de abate e fabricação de carnes, principal setor empregador do agronegócio gaúcho, no primeiro trimestre de 2021, foi renovado o recorde de empregos. Em março, havia 67.695 vínculos ativos com carteira assinada no setor, maior número da série histórica iniciada em 2007. Ao longo de



2020, o setor beneficiou-se do crescimento da demanda externa por proteínas. Conforme observado anteriormente, o volume das exportações de carnes segue em alta, especialmente para a China. A desvalorização cambial continua favorecendo a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, e esse impulso tem sido importante para a indústria de abates. Porém os frigoríficos que se voltam exclusivamente ao atendimento do mercado doméstico enfrentam um ambiente cada vez mais desafiador, criado pela queda no consumo *per capita* das carnes bovina e suína no Brasil e pelo aumento dos custos de produção. A alta das cotações dos principais insumos para a produção de carnes (milho e soja) é especialmente crítica para as empresas de médio e pequeno porte, que se defrontam com uma demanda contraída no Brasil, o que dificulta o repasse dos custos de produção.

No **segmento “dentro da porteira”**, constituído pelas atividades agropecuárias, foram criados 5.587 postos de trabalho no primeiro trimestre. Houve grande mobilização de trabalhadores no setor de lavouras permanentes (mais 4.275 postos), notadamente para as atividades de colheita da maçã nas regiões da Serra e dos Campos de Cima da Serra. Nas lavouras temporárias, a criação de postos de trabalho foi menor (mais 444 postos) e explicada, principalmente, pela atividade de cultivo de cereais.

O **segmento “antes da porteira”**, formado por atividades dedicadas ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária, registrou saldo positivo de 2.539 empregos no primeiro trimestre. Nesse segmento, o principal setor responsável pela continuidade na geração de postos de trabalho foi o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos de uso agropecuário (mais 1.918 postos). Desde o terceiro trimestre, a produção nacional de máquinas agrícolas está em recuperação, impulsionando novas contratações. A produção de grãos recorde no Brasil, as ótimas margens de rentabilidade das duas últimas safras, a queda nas taxas de juros e a alta sustentada dos preços agrícolas são fatores de estímulo à aquisição de novas máquinas pelos produtores brasileiros. No primeiro trimestre de 2021, as vendas de máquinas agrícolas, no Brasil, subiram 22,2%, segundo as estatísticas da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). O Rio Grande do Sul, que responde pela maior parcela da produção nacional de máquinas agrícolas, beneficiou-se desse cenário. Desde junho de 2020, o setor registra saldos positivos de emprego, totalizando 3.663 postos criados nos últimos 10 meses.

Na Tabela 1, são detalhadas as informações dos setores com maior criação e perda de postos de trabalho no agronegócio gaúcho no primeiro trimestre de 2021. Entre os 10 setores que mais criaram empregos em 2021, nove melhoraram o seu desempenho em relação ao primeiro trimestre de 2020. Nesse aspecto, os destaques são os setores de comércio atacadista, de fabricação de máquinas agrícolas e de fabricação de produtos do fumo.



Tabela 1

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2020 e 1.º trim./2021

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	1.º Trim./2020	1.º Trim./2021	
Maiores saldos			
Fabricação de produtos do fumo	7.564	8.839	1.275
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	3.861	5.739	1.878
Produção de lavouras permanentes	3.298	4.275	977
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	2.160	2.381	221
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	471	1.918	1.447
Abate e fabricação de produtos de carne.....	1.313	743	-570
Fabricação de produtos intermediários de madeira	356	490	134
Produção de lavouras temporárias	273	444	171
Curtimento e preparações de couro	320	415	95
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	348	400	52
Menores saldos			
Fabricação de conservas	-1.269	-1.347	-78
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	19.229	26.504	7.275

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.:

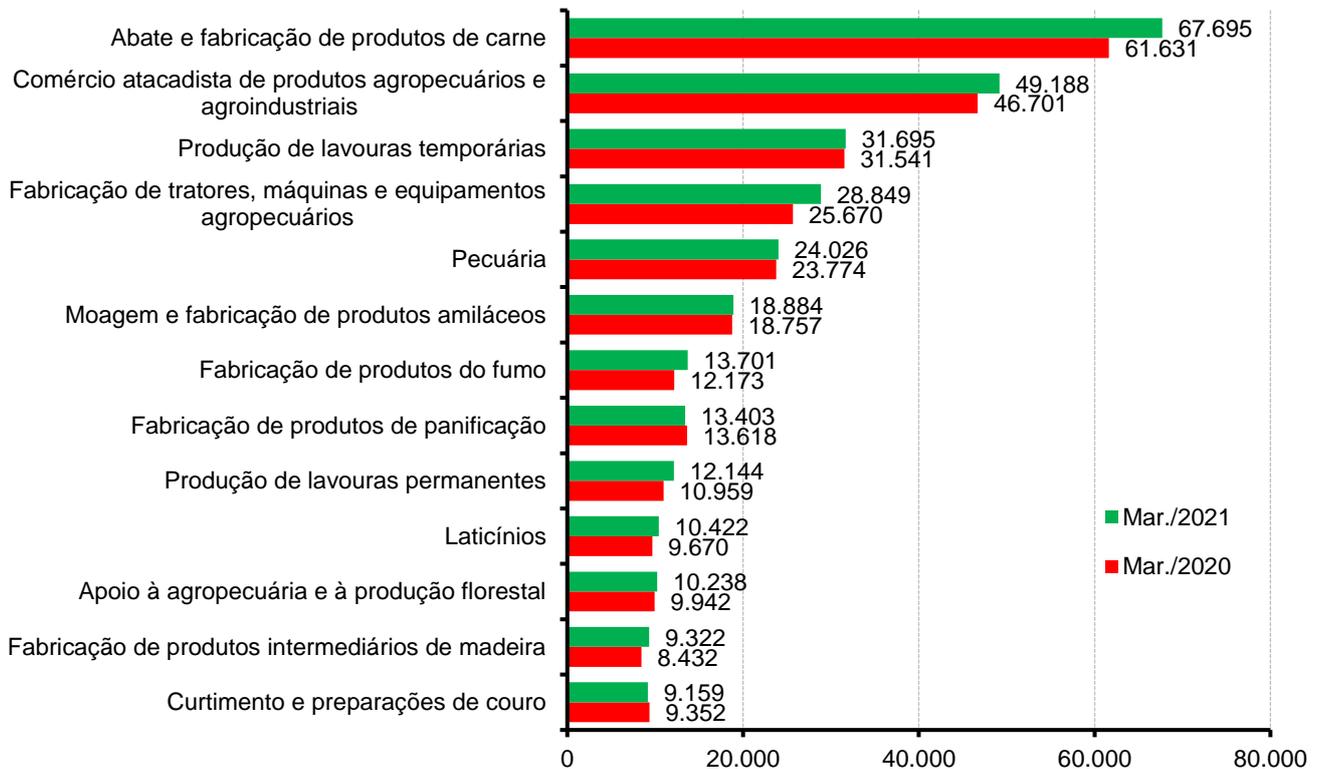
Na indústria de abates, que criou menos empregos no primeiro trimestre de 2021, é importante ter em conta que o número de vínculos ativos é o maior da série histórica. A desaceleração na geração de empregos pode ser interpretada como um desdobramento do atual ambiente desafiador enfrentado pelo setor, decorrente da alta nos custos de produção e da retração da demanda interna de carne bovina e suína. Considerando o peso total das carcaças em 2020, a indústria gaúcha de abates manteve-se relativamente estável nos segmentos de suínos (0,2%) e aves (-0,8%) e registrou queda no segmento de bovinos (-2,0%), segundo a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do IBGE (IBGE, 2021a).

Ao final do primeiro trimestre de 2021, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho foram os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de produção de lavouras temporárias e de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários. Entre os 13 principais setores empregadores do agronegócio gaúcho, apenas os de produtos de panificação e de curtimento de couro registraram saldo negativo de empregos nos últimos 12 meses. Nesse período, os setores líderes em criação de empregos foram os de abate e fabricação de produtos de carne e de fabricação de máquinas agrícolas.



Gráfico 6

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — mar./2020 e mar./2021



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: O estoque é estimado através da combinação das informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Considerações finais

Em se tratando de perspectivas para os próximos meses, com a safra de verão em fase final de colheita e a confirmação de produção recorde da soja, a expectativa é de crescimento dos volumes exportados da oleaginosa nos próximos trimestres. A atípica combinação de expansão da produção, alta nas cotações internacionais e taxa de câmbio desvalorizada favorece a aceleração da comercialização, tendo em vista as ótimas margens de rentabilidade propiciadas por essa conjuntura. Assim, já para o próximo trimestre, projetam-se níveis de exportação similares e até mesmo superiores aos de 2020 no Rio Grande do Sul, com crescimento mais robusto no segundo semestre.

A recomposição ainda parcial do rebanho de suínos na China continua favorecendo a exportação de carnes para aquele mercado. Novos surtos de Peste Suína Africana induziram o Governo chinês a estabelecer restrições de circulação de animais no País e podem retardar a expansão da produção para atendimento do mercado interno. Mesmo com um rebanho suíno inferior, a demanda por soja e milho tende a continuar crescendo na China, em razão da opção estratégica por privilegiar modelos de criação animal em larga escala, mais demandantes de ração animal. A projetada baixa relação estoque/consumo de soja e milho no mundo tende a favorecer a manutenção das cotações internacionais em patamares elevados ao longo do ano. Eventuais complicações na implantação e no desenvolvimento da safra norte-



americana desses grãos podem criar ainda mais resistência para a queda nos preços internacionais. Contudo, para os produtores locais, a safra 2021/2022 promete ser desafiadora em termos de custos de produção, uma vez que os preços dos principais insumos agrícolas voltaram a subir e surgem novas pressões de fortalecimento do real frente ao dólar. Nesse cenário, a gestão dos riscos comerciais será ainda mais estratégica para a sustentabilidade econômica dos negócios.

No setor de carnes, o cenário também é desafiador, em razão de os custos de produção crescerem acima dos preços recebidos na pecuária e de o mercado doméstico ter-se contraído para a carne bovina. Mesmo com a prorrogação da suspensão da Tarifa Externa Comum, para facilitar a aquisição de soja e milho de outros países, não é possível vislumbrar, para o curto prazo, a queda nos custos de produção. Isso é especialmente crítico para as criações de aves e de bovinos, que operam com margens apertadas desde 2020, mas também já se tornou realidade na suinocultura. Nesse cenário, a exportação tende a continuar sendo uma fonte importante de dinamismo para a indústria gaúcha de carnes, principalmente para a carne suína. Porém, mesmo nas vendas externas, a margem de rentabilidade diminuiu em 2021.

Para o emprego formal, a desmobilização de trabalhadores tende a ser acentuada no segundo e no terceiro trimestre, sobretudo nos setores de lavouras permanentes e da indústria do fumo. No setor de abates, diante do quadro de dificuldades no mercado doméstico, o avanço da produção e, por consequência, a preservação dos atuais níveis de emprego dependerão da expansão das exportações, da velocidade de recuperação econômica e do espaço para repassar para os preços finais a alta nos custos dos insumos. No setor de máquinas agrícolas, os fundamentos que sustentam os investimentos dos agricultores em bens de capital continuam sólidos, tendo em vista as condições de financiamento, a capitalização dos produtores e os benefícios produtivos e para a gestão derivados do acesso às novas tecnologias embarcadas nesses equipamentos. Com isso, tende a se prolongar a criação de empregos no setor de máquinas agrícolas, principalmente se for garantido o acesso a volumes e condições de crédito adequadas no próximo Plano Safra.

Referências

BRASIL. Ministério Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Comex Stat**. [Brasília, DF]: MICES, 2021. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: abr. 2021

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho**. [Brasília, DF]: MT, 2021a. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged?view=default>. Acesso em: abr. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática — SIDRA**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA: março 2021. [Brasília, DF]: IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/brasil>. Acesso em: 6 mai. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática — SIDRA**: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. [Brasília, DF]: IBGE, 2021a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/abate/tabelas>. Acesso em: 6 mai. 2021.



Apêndice

Tabela A.1

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2021

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
Carnes	515.156.204	25,8	59.820.145	13,1	9,3	3,5
Carne de frango	254.017.180	12,7	5.201.190	2,1	-2,5	4,7
Carne suína	168.047.367	8,4	39.639.992	30,9	40,3	-6,7
Carne bovina	67.108.186	3,4	14.285.392	27,0	21,1	4,9
Fumo e seus produtos	359.048.299	18,0	77.240.261	27,4	43,7	-11,3
Fumo não manufaturado	329.135.478	16,5	73.009.414	28,5	42,9	-10,1
Soja	288.015.715	14,4	-80.899.076	-21,9	-40,6	31,5
Farelo de soja	188.884.999	9,5	81.769.285	76,3	28,0	37,7
Soja em grão	86.317.746	4,3	-172.142.894	-66,6	-72,7	22,4
Óleo de soja	12.812.970	0,6	9.474.533	283,8	187,3	33,6
Cereais, farinhas e preparações	243.336.275	12,2	42.005.417	20,9	3,6	16,7
Trigo	121.094.030	6,1	64.680.940	114,7	97,2	8,8
Arroz	58.898.088	2,9	-1.076.978	-1,8	-19,5	22,0
Milho	56.339.645	2,8	-26.641.878	-32,1	-47,0	28,0
Produtos florestais	229.584.908	11,5	12.270.775	5,6	28,8	-18,0
Celulose	141.466.967	7,1	-3.243.644	-2,2	3,7	-5,7
TOTAL	1.998.774.326	100,0	154.122.659	8,4	-2,8	11,5

Fonte dos dados Brutos: Ministério da Economia/Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).

